

Uma Arca Roubada

Poucos homens mudaram tanto a aparência da Inglaterra, e com tão pouco reconhecimento, como John Tradescant, o Velho (c. 1570-1638), jardineiro do duque de Buckingham e fundador do que se tornou conhecido como a Arca de Tradescant. Seu legado vive nos parques e estradas rurais, em jardins e praças: a castanha-da-índia, o plátano, o lariço, a acácia, a tulipa, a trepadeira da Virgínia, tudo isso foi importado pela primeira vez por esse infatigável horticultor, viajante e colecionador.

O primeiro emprego de Tradescant foi como jardineiro de lorde Robert Cecil, em Hatfield House, onde planejou os jardins e abasteceu-os de plantas trazidas de suas viagens a cidades européias. Como se não bastasse, tinha ainda de fazer trabalhos extras, como “setting a pair of soles upon your Lordship’s pompes”, como revelam suas narrativas.¹ Com efeito, até seu patrão parece ter sentido pena dele algumas vezes. Um registro no livro da casa diz o seguinte: “Para John Tradescant, o pobre sujeito que vai a Londres, 2 xelins e 6 *penies*.”

Cecil, conselheiro privado, secretário de Estado e lorde tesoureiro, era um dos homens mais poderosos da época. Seu prestígio e sua imensa fortuna refletiam-se na casa e no parque, que adquiriu em 1607 e ampliou para ficar à altura da sua condição social. Tradescant foi mandado aos Países Baixos atrás de mais plantas, e partiu em 1611, levando no bolso seis libras em espécie e uma pequena fortuna em letras de câmbio. Enviou de lá plantas raras, às centenas (um carregamento continha, entre muitas flores, frutas e outras plantas, 800 bulbos de tulipas; outro, 400 mudas de limão), a custos altíssimos, pagos, aparentemente sem objeção, pelo lorde.

A viagem européia não foi inteiramente dedicada à aquisição de plantas. Dos Países Baixos Tradescant seguiu para Rouen, onde comprou “um pássaro artificial” para seu patrão. É provável que tenha visitado algumas das coleções existentes em Amsterdã e Leiden, cuja universidade tinha um *hortus botanicus* (“jardim botânico”), além do famoso *theatrum anatomicum* (“teatro de anatomia”), posteriormente transformado num completo gabinete de curiosidades e num museu universitário. Além de ir a jardins botânicos e coleções, é improvável que tenha perdido a oportunidade de visitar alguns dos famosos parques da França. Um dia Tradescant acabou voltando para Hatfield, debitando, nos gastos da travessia de barca entre Gravesend e Londres, um xelim “para os rapazes do barco terem cuidado com as árvores”.

Enquanto o jardim de Hatfield rapidamente se tornava um dos mais ricos e belos da Inglaterra, o rei, Jaime I, interessou-se por outras descobertas de Tradescant, para as quais seu leal lorde Cecil lhe chamara a atenção: entre as plantas importadas de Rouen havia amoras, que, calculou o monarca, poderiam ser o começo de uma lucrativa linha de produção de seda. O secretário de Estado, por acaso, tinha uma patente sobre a importação das árvores e prometeu não cobrar mais de um pêni por planta, das mais de um milhão que seriam importadas anualmente. O plano, que para Cecil teria representado amplo retorno por sua generosidade com o jardineiro, deu em nada, mas até hoje muitos dos mais velhos jardins da Inglaterra têm antigas amoreiras, testemunhas silenciosas do astuto mas natimorto plano.

A dupla responsabilidade de secretário de Estado e lorde tesoureiro mostrou-se excessiva para a frágil constituição do patrão de Tradescant, e no começo de 1611, o “conde corcunda”, que tinha 48 anos, viu a saúde desabar sob o peso dos deveres. Um registro lacônico conta o resto da história: “para aparar a grama das Quadras e do Jardim Oriental em preparação do funeral, 4 xelins”. Robert Cecil, conde de Essenden, não veria o jardim ou a casa terminados.

Tradescant foi transferido para William Lord Salisbury, filho do antigo patrão, e continuou a trabalhar em Hatfield e outras propriedades herdadas pelo novo senhor, mas em 1615 aceitou o emprego oferecido por lorde Wotton, em Canterbury, e a serviço dele foi à Rússia como botânico de um grupo diplomático. Manteve um diário dessa expedição, no qual descreveu, além das etapas da jornada (“sendo inglesas e estrangeiras sete velas com des-

tino a Archagell”), os costumes e, naturalmente, as plantas de seus anfitriões russos, observando, entre outras coisas: “Pavimentam suas ruas com vistosa madeira, partida ao meio, pois não têm o costume de usar serrote, especialmente na região onde estive, nem o uso de aplinar com a plaina, só com a raspadeira”, imagem esta ainda vívida nos grandes romances russos do século XIX. Ao deixar Archangel, o grupo de ingleses fez uma saudação com tiros de canhão, agradecendo a hospitalidade. Um dos canhões, infelizmente, estava carregado, e fez um grande buraco numa casa da zona portuária, deixando os anfitriões “boquiabertos, na maior perplexidade”.

Tradescant, infatigável colecionador de plantas, encontrou espécimes botânicos dignos de serem levados para a Inglaterra. Além disso, um segundo interesse começou a apoderar-se dele. Anos depois, seu filho publicou o *Musaeum Tradescantianum* (1656), com registros destinados a nos fazer recordar a expedição paterna: “Túnica russa; Botas da Rússia; Botas de Moscou; túnica do duque de Moscou, tecida em ouro no peito e nos braços; Sapatos ferrados da Rússia; Sapatos para andar na neve sem afundar; meias russas sem calcanhar; Botas da Lapônia.” Os interesses de Tradescant já não se limitavam às plantas, ou a observar o modo de vida de outros países: ele se tornara colecionador de raridades estrangeiras, e enquanto os espécimes vivos eram tratados nos jardins e estufas sob seus cuidados, os outros objetos se tornaram parte de uma coleção de curiosidades, que, com o tempo, lhe daria tanto renome quanto os conhecimentos de horticultura.

Enquanto John Tradescant trabalhava nos jardins e em expedições ao exterior, o filho, John, o Jovem, freqüentava a Escola do Rei, em Canterbury, onde recebeu uma educação superior à do pai, e já o ajudava. O menino não o via com freqüência, pois Tradescant alistou-se em 1620 numa missão de caça aos Corsários de Barbária, piratas argelinos que ameaçavam as rotas comerciais do Mediterrâneo. Este súbito entusiasmo por guerras navais não foi uma drástica mudança profissional para o jardineiro, como pode parecer, pois o que o levou a apresentar-se como voluntário não foram as promessas de batalhas e de espólios de guerra, mas os relatos sobre um maravilhoso damasco dourado existente na Argélia. Pode ser que haja guerra, decidiu ele, mas nem por isso deixaria passar a bela oportunidade de obter uma fruta rara e delicada.

Do ponto de vista horticultural (não adotado, aliás, pelo capitão do navio, que tinha dúvidas sobre a conveniência de levar o especialista em flora européia em missão de combate) a viagem foi um sucesso retumbante. A coleção do capitão também foi inchada pelas proezas não programadas de Tradescant. Ele trouxe plantas e artefatos de Portugal, da Espanha, da costa meridional da França, de Roma, Nápoles, ilhas Gregas e Constantinopla (onde colheu lilás) antes mesmo de chegar à Argélia; e de Monte Carmelo, Damasco, Alexandria, Creta e Malta na viagem de volta. O *Musaeum Tradescantianum* relaciona, na ortografia mais ortodoxa de John, o Jovem: “agulhões de *Barbária* aguçados como punhais, Um gorro *Mouro*, Um traje de *Portugal*, 2 Urnas romanas, Uma túnica *Árabe*, e Diversos tipos de Ovos da *Turquia*: um deles tido como Ovo de Dragão”.

John Tradescant, o Velho, alcançara grande reputação, e não é de surpreender que fosse surripiado por outro homem que fizera sua própria fortuna: George Villiers, duque de Buckingham, o favorito real que abrira caminho na sociedade com seu encanto pessoal, saindo de um meio familiar relativamente humilde para a alta nobreza e uma posição de grande poder. Para o horticultor e seu filho, os jardins de Buckingham representavam um novo desafio: avenidas inteiras tinham de ser plantadas, e plantas tinham de ser importadas do exterior em escala suntuosa. Na verdade, as árvores e flores não eram o único prazer do lorde. Em 31 de julho de 1625, John Tradescant escreveu a Edward Nicholas, secretário do Almirantado:

Nobre Senhor

Recebi Ordens de Meu Senhor para fazer Vossa Excelência Compreender que É do Desejo de S(ua) Graça que eu em Seu Nome Lide com Todos os Mercadores de Todos os Lugares Em Especial Homens de Virgínia & Bermudas & Terra Nova que quando Estiverem naquelas Partes Cuidem de fornecer a Sua Graça todo tipo de Quadrúpedes & aves e Pássaros Vivos ou Cabeças Brancas Chifres Bicos Garras Peles Colher Pedacos ou Sementes Plantas Árvores ou Arbustos Também de Guiné ou Benim ou Senegal Turquia Especialmente para Sir Thomas Rowe Que está Tranqüilo em Constantinopla Também para o Capitão Northe para a Nova Plantação rumo ao Amazonas Com Todas as men-

cionadas Raridades & Também das Índias Orientais Conchas Brancas Pedras Ossos Cascas de ovos que Não Podem Chegar Vivos Meu Senhor ouviu do Duque de Sheveres & Parcialmente visto suas Estranhas Aves Também de Cegonhas Um par ou dois de jovens com Diversos tipos de Colar de Penas Que eles lá chamam de Companhias tendo Ousado a apresentar as ordens de Meu Senhor Peço Sua Compreensão. Seu Servo à Sua Disposição John Tradescant Newhall neste 31 de julho de 1625

Aos Mercadores da Companhia Guiné e Costa do Ouro Mr. Sumfrie Slainy Capitão Crispe & Mr. Cloberry & Mr. John Wood mercador do cabo.

As coisas Desejadas dessas partes são estas cabeças de Elefantes com presas muito grandes
cabeças de Hipopótamo do maior tipo que se possa conseguir e
cabeças de fêmeas de Leão-marinho do maior tamanho que se possa obter cabeças de leões-marinhos com presas brancas
todos os tipos estranhos de aves e Peles de Pássaros e Bicos Pernas e penas que sejam raras ou não conhecidas por nós
todos os tipos de pele de peixes estranhos ou a maior variedade de Conchas dessas regiões de Grandes peixes voadores e de mamíferos com o que mais haja de estranho em hábitos armas & Instrumentos de longas peças de Marfim
todos os tipos de pele de Serpentes e cobras & Especialmente desse tipo que tem uma Crista na cabeça Como um Galo
todos os tipos de frutas Secas como árvore de Feijões Lentilha Vermelha & Preta em suas Vagens brancas e flores & sementes que possam ser obtidas as Flores Colocadas Entre folhas de papel Num Livro Secas
todos os tipos de Pedras Brilhantes ou de Qualquer Forma Estranha Qualquer coisa que Seja estranha²

Qualquer coisa que seja estranha. É de supor que Buckingham tinha visto a já considerável coleção de curiosidades de Tradescant, e gostado do que viu.

Estava mobiliando uma casa em Newhall e procurava objetos interessantes para juntar às obras de Michelangelo, da Vinci, Holbein, Rafael e Rubens, e às antigüidades e outras peças preciosas que já possuía. Tradescant seria seu agente, ou um deles, pois Buckingham tinha diversos agentes percorrendo o mundo em busca de tesouros. O diretor dos jardins vivia em South Lambeth, lugar relativamente conveniente para vigiar as propriedades do patrão, e para entrar em contato com navios que aportavam em Londres trazendo novos e exóticos artigos para o país.

A estrela de Buckingham estava no zênite. Cairia ainda mais rápido do que subira. Voltando a Londres em 1627, depois de um esforço malsucedido para libertar os huguenotes em La Rochelle, o antigo porto inglês no continente francês reocupado pela França, ele foi assassinado. Tradescant, novamente sem patrão, logo foi designado para o cargo de maior prestígio que já ocupara, o de mantenedor dos Jardins, Videiras e Bichos-da-seda de Sua Majestade, em Oatlands, Surrey, a 32 quilômetros de casa. Enquanto administravam os jardins reais, os Tradescant organizaram sua própria coleção, cultivaram e classificaram as plantas que tinham, e deram início à grande empresa cujo próprio nome dá a medida de sua ambição: a Arca de Tradescant.

Este museu se tornaria famoso em toda a Europa; com o tempo, nenhum viajante instruído visitaria Londres sem bater à sua porta. Um desses peregrinos, um capitão da marinha mercante chamado Peter Mundy, registrou suas impressões depois de uma visita em 1636:

Tendo obtido licença da honrada Companhia das Índias Orientais, à qual servia, preparei-me para ver meus amigos no País (...) Enquanto isso, fui convidado por Mr. Thomas Barlowe (que esteve na Índia com Lorde de Dengibh e voltou conosco no Mary) para ver algumas raridades na casa de John Tradescant, de modo que fui com ele e outro amigo, e lá passamos o dia inteiro, examinando o que ele reunira, tais como quadrúpedes, aves, peixes, serpentes, vermes (verdadeiros, embora mortos e secos), pedras preciosas e outras armas, moedas, conchas, penas etc. De vários países, nações, formas, cores; também diversas curiosidades em entalhes, pinturas etc., e 80 faces esculpidas em caroço de cereja, figuras para serem olhadas por um cilindro, sem o qual pareciam manchas confusas, medalhas de todo tipo etc. Além disso um pequeno jardim com ervas e flores estranhas, algumas que eu só tinha visto

na Índia, sendo abastecidos por nobres, cavalheiros, comandantes etc. com todos os brinquedos que puderam trazer ou encomendar de outras regiões. De modo que estou quase convencido de que se pode num dia ver e colecionar num lugar mais curiosidades do que se poderia ver numa vida inteira de viagens.³

Mundy, a propósito, aproveitou para visitar outras atrações de Londres, entre as quais um “chifre de unicórnio” exposto na Torre de Londres. Enquanto a Arca de Lambeth se jactava, como sua antecessora bíblica, de ter “quadrúpedes, aves, peixes, serpentes” e “vermes”, os unicórnios eram a fina flor dos objetos de desejo, e estavam entre os principais objetos de curiosidade. Em sua *História dos bichos de quatro patas*, Edward Topsell descreveu seus curiosos hábitos: “Diz-se que os unicórnios, entre todas as criaturas, reverenciam as virgens e as jovens, e muitas vezes, ao verem-nas, se acalmam, ficam domados, e vêm dormir a seus pés, pois existe em sua natureza um sabor característico que encanta e deleita os unicórnios.”⁴ Tradescant, ciente do fato de que fazia falta em sua coleção um chifre de unicórnio, deu um jeito de conseguir um, apesar de apresentá-lo no catálogo, com uma confusão típica da época, como *Unicornum marinum*, “unicórnio marinho”.

Georg Christoph Stirn, de Nuremberg, fez uma visita em 1638, ano da morte de John Tradescant, o Velho. Entre os itens descritos pelo visitante alemão estavam:

A mão de uma sereia, a mão de uma múmia, uma mão de cera, muito natural, num balcão de vidro (...) uma pintura feita de penas, uma pequena peça de madeira da cruz do Cristo (...) imagens da igreja de Santa Sofia em Constantinopla copiadas por um judeu num livro (...) muitos sapatos e botas turcos e estrangeiros, um peixe-sapo, um casco de alce com três unhas, um osso humano de 42 libras, um instrumento usado pelos judeus na circuncisão, o manto do rei da Virgínia (...) um São Francisco de cera num balcão de vidro (...) um açoite que Carlos V teria usado para se flagelar (...)⁵

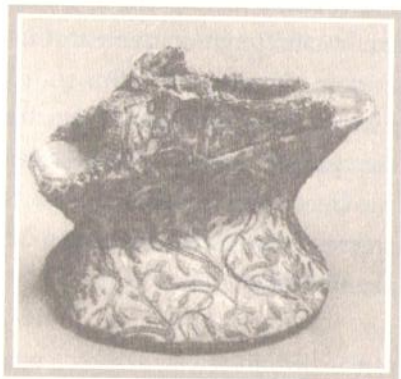
O jovem Tradescant continuou o trabalho do pai, na propriedade de Lambeth e como zelador dos Jardins de Sua Majestade. Foi até a Virgínia em busca de plantas e raridades para a Arca. No governo de Cromwell, teve permissão

para agir por conta própria, o que deve ter sido um alívio para alguém cuja família tinha relações estreitas com a corte e a nobreza.

Um homem tornou-se visitante regular da Arca de Tradescant: Elias Ashmole, advogado, cientista e colecionador apaixonado. Fez amizade com John, o Jovem, bebendo e jantando com ele e preparando seu horóscopo, convidando-o para assistir ao julgamento de bruxas em Assizes, financiando a publicação do *Musaeum Tradescantianum*, e até dando presentes para a coleção do novo amigo. Ashmole era bem relacionado e ganhou com facilidade a confiança de John. A Arca, disse ele ao colecionador, deveria ser preservada para a posteridade, muito além da vida dele ou de sua mulher, Hester. Essas palavras tiveram efeito positivo na mente de John, o Jovem, quando seu próprio filho, John, herdeiro do negócio da família, morreu subitamente em 1652 e foi sepultado ao lado do avô.

Elias Ashmole deu-lhe assistência e bons conselhos. Mostrou-se preocupado com John e Hester naquele momento de dor, e com a coleção, o legado deles. Aos poucos convenceu-os de que só ele tinha recursos e relações capazes de garantir a sobrevivência da coleção. Finalmente, em 1659, registrou em seu diário que o casal “resolveu, enfim, entregá-la a mim”.⁶ Rapidamente, tomou providências para finalizar o acordo com um documento assinado diante de testemunhas. Posteriormente, Hester alegaria que não tinha havido tempo nem sequer para ler o que fora estipulado, mas Ashmole escarneceria dessa idéia. A coleção era sua, adquirida pelo preço simbólico de um xelim.

Recuperada do choque, Hester usou de toda a sua astúcia para desfazer o acordo, para convencer o marido de que ele transferira todas as suas posses para um falso amigo, sem medir as conseqüências. Ela obteve o documento (convencera Ashmole a cedê-lo), e rompeu o selo. John resolveu não pensar mais no assunto. Em seu testamento, legou suas raridades “para minha amada esposa Hester Tradescant durante sua vida natural, e depois



de sua morte deixo-as para as Universidades de Oxford ou Cambridge, ela decidirá”. Em 22 de abril de 1662, seguiu o pai para o túmulo da família. A inscrição da lápide no cemitério de St. Mary em Lambeth diz o seguinte:

Saiba, estranho, antes de prosseguir, que sob esta laje,
Jazem John Tradescant, avô, pai, filho,
O último morto na primavera da vida, os outros dois
Viveram o bastante para conhecer todo o Orbe e a Natureza,
Como provam suas seletas coleções,
Do que existe de raro na terra, no mar e no ar;
Enquanto elas (como a Ilíada de Homero numa noz)
Um mundo de maravilhas guardam num armário,
Esses famosos antiquários que foram
Jardineiros da Rainha da Rosa e do Lírio,
Agora transplantados dormem aqui: e quando
Anjos acordarem os homens com suas trombetas,
E o fogo purgar o mundo, os três devem se erguer
E trocar este jardim pelo paraíso.

Mas a coisa não acabou ali, é claro, e para Hester Tradescant o paraíso parecia longe. Ashmole sabia o valor do prêmio que tinha ao alcance da mão. Agora advogado, arauto de Windsor e membro da Sociedade Real, sabia também que havia meios de garantir a sua posse. Levou a viúva Hester ao tribunal na Chancelaria, onde o caso seria ouvido pelo lorde chanceler, lorde Clarendon, que Ashmole conhecia devido ao cargo de arauto de Windsor. A questão foi resolvida a seu favor, e ficou decidido que ele “teria e usaria todos e cada um dos referidos livros, moedas, medalhas, pedras, pinturas, objetos mecânicos e antigüidades”. Mesmo vitorioso, Ashmole continuou a humilhar a viúva do amigo, com todos os meios de que dispunha, que incluíam processá-la por difamação, forçando-a a reconhecer publicamente que “tratei muito injustamente Elias Ashmole, com diversos discursos e relatos falsos, escandalosos e difamatórios, e além disso visei a diminuir e macular sua reputação e seu bom nome”. O documento relaciona, ainda, com rique-

za de detalhes, uma quantidade de queixas contra ela, que ela agora admitia.⁷ Em 4 de abril de 1678, Ashmole registrou em seu diário: "Minha mulher me contou que a Sra. Tradescant foi encontrada morta em seu tanque. Afogou-se no dia anterior, por volta do meio-dia, ao que tudo indica." Ele finalmente destruíra a mulher que quase o impedira de obter o maior prêmio da sua carreira. Enquanto Hester era enterrada no túmulo da família, Ashmole não perdeu tempo e transferiu a coleção da casa de Tradescant, a começar pelos retratos da família. Mais tarde resolveu modestamente doar a coleção à Universidade de Oxford, onde partes dela ainda podem ser vistas, no museu batizado com o nome dele. O Ashmolean Museum deveria, por direito, ser o Tradescantian Museum. É irônico que Hester Tradescant também tenha tido a intenção de doar a coleção a Oxford.

A Arte Refinada do Doutor Ruysch

Nas maravilhas da natureza está a passagem mais fácil para as maravilhas da arte e sua compreensão: pois é só seguindo e perseguindo a Natureza em suas andanças que se é capaz de levá-la de volta ao mesmo lugar.

Francis Bacon, *Of the Proficiency and Advancement of Learning Divine and Human*¹

O menino observa os procedimentos com grande atenção. Diferentemente de outras figuras na pintura, não está vestido de preto; em vez disso, usa um paletó com enfeites verdes, um colete castanho e uma gola de renda, levemente manchada. Segura um chapéu debaixo do braço esquerdo. A mão direita está segurando de leve, mas protetoramente, um delicado pedestal de madeira. Este serve de suporte para um pequeno esqueleto paralisado num gesto que parece meio dança, meio bênção. Os cachos ruivos do menino contrastam nitidamente com o pequeno esqueleto, que tem a moleira ainda aberta. À direita do menino, ao redor da mesa, há um grupo de cidadãos em pé, muito dignos, todos eles médicos, usando as roupas pretas da piedade calvinista, um círculo luminoso de cabeças com cabelos soltos e golas brancas de renda. Um deles está curvado para a frente, quase com ternura, sobre o fardo em cima da mesa: o cadáver de uma criança recém-nascida.

São as mãos que compõem este quadro; de forma alguma não são convencionais em sua delicadeza elegante e anormal, pois as conhecemos de